

# Tomando Decisões Bíblica

Lição 5

A Perspectiva Situacional:  
Revelação e Situação



thirdmill

Biblical Education. For the World. For Free.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida sob qualquer forma, ou para fins lucrativos, exceto em breves citações para os propósitos de revisão e comentários, sem a permissão da editora Third Millenium Ministries, Inc. 316 Live Oaks Blvd., Casselberry, Florida 32707.

A menos que indicado de outra forma, todas as citações das Escrituras são da Bíblia Sagrada, Standard Version® (ESV®), copyright © 2001 por Crossway um ministério de publicação da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

### **SOBRE O THIRD MILLENNIUM MINISTRIES**

Fundado em 1997, Third Millennium Ministries é uma organização cristã sem fins lucrativos dedicada a proveer:

#### **Educação Bíblica, Grátis, Para o Mundo**

Nosso objetivo é oferecer educação cristã gratuita a centenas de milhares de pastores e líderes cristãos em todo o mundo que não possuem treinamento suficiente para o ministério. Atingimos esse objetivo produzindo e distribuindo globalmente um currículo de seminário multimídia sem paralelo em inglês, árabe, mandarim, russo e espanhol. Nosso currículo também está sendo traduzido para mais de uma dúzia de outros idiomas por meio de nossos ministérios parceiros. O currículo consiste em vídeos com gráficos, instruções impressas e recursos da Internet. Ele foi projetado para ser usado por escolas, grupos e indivíduos, tanto online quanto em comunidades de aprendizagem.

Ao longo dos anos, desenvolvemos um método altamente econômico de produzir lições de multimídia premiadas com o melhor conteúdo e qualidade. Nossos escritores e editores são educadores teologicamente treinados, nossos tradutores são falantes nativos teologicamente de seus idiomas-alvo e nossas lições contêm as idéias de centenas de respeitados professores e pastores de todo o mundo. Além disso, nossos designers gráficos, ilustradores e produtores aderem aos mais altos padrões de produção usando equipamentos e técnicas de ponta.

Para cumprir nossas metas de distribuição, a Thirdmill estabeleceu parcerias estratégicas com igrejas, seminários, escolas bíblicas, missionários, emissoras cristãs e provedores de televisão por satélite e outras organizações. Essas relações já resultaram na distribuição de inúmeras vídeo-aulas para líderes indígenas, pastores e estudantes do seminário. Nossos sites também servem como vias de distribuição e fornecem materiais adicionais para complementar nossas lições, incluindo materiais sobre como iniciar sua própria comunidade de aprendizado.

Thirdmill é reconhecido pelo IRS como uma corporação 501 (c) (3). Dependemos das contribuições generosas e dedutíveis de impostos de igrejas, fundações, empresas e indivíduos. Para mais informações sobre o nosso ministério e para saber como você pode se envolver, visite [www.thirdmill.org](http://www.thirdmill.org).

# Conteúdo

<b>I. Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>II. Conteúdo da Revelação .....</b>	<b>2</b>
A. Fatos	2
B. Metas	3
C. Meios	5
<b>III. Natureza da Revelação .....</b>	<b>6</b>
A. Inspiração	7
B. Exemplo	9
<b>IV. Estratégias Para Revelação .....</b>	<b>11</b>
A. Negligência	11
1. Descrição	11
2. Consequências	12
3. Corretivos	14
B. Rigor	15
1. Descrição	15
2. Consequências	16
3. Corretivos	17
C. Autoridade Humana	19
1. Descrição	19
2. Consequências	20
3. Corretivos	21
<b>V. Aplicação da Revelação .....</b>	<b>22</b>
A. Fatos	22
B. Metas	24
C. Meios	26
<b>VI. Conclusão .....</b>	<b>28</b>

# Tomando Decisões Bíblicas

## Lição 5

### A Perspectiva Situacional: Revelação e Situação

## INTRODUÇÃO

---

Todos os pais sabem que as crianças entendem mal a mais simples das instruções. Pode ser: "Por favor me ajude com o jantar", ou "Limpe seu quarto". Mas seja qual for a instrução, as crianças têm uma maneira de chegar a interpretações estranhas do que seus pais exigem. Às vezes, isso é uma decisão voluntária da parte da criança, mas em outros momentos o mal-entendido é genuíno.

Descobrir a coisa certa a fazer às vezes pode ser difícil. E há uma boa razão para isso. Quer percebamos ou não, seguir instruções simples requer que tenhamos conhecimento substancial sobre muitas coisas além das instruções. Isso é fácil de ver quando se trata de crianças pequenas, pois muitas vezes elas não têm o conhecimento de que precisam.

Mas, mesmo como adultos, temos que confiar em nosso conhecimento de muitos assuntos quando seguimos as instruções. E isso é particularmente verdadeiro quando se trata de entender o que Deus exige de nós. Para que saibamos o que fazer em qualquer circunstância, devemos não apenas conhecer as instruções específicas do Senhor, mas também compreender muitas outras.

Esta é a quinta lição da nossa série *Tomando Decisões Bíblicas*, e nós a intitulamos "A Perspectiva Situacional: Revelação e Situação". Nesta lição, vamos voltar nossa atenção para a perspectiva situacional sobre ética, focando em como uma compreensão adequada de situações pode nos ajudar a entender a revelação de Deus.

Ao longo dessas lições, enfatizamos que o julgamento ético envolve a aplicação da Palavra de Deus a uma situação de uma pessoa. Este resumo destaca o fato de que existem três dimensões essenciais para cada questão ética, a saber, a Palavra de Deus, a situação e a pessoa que toma a decisão. E nesta lição vamos nos concentrar em duas dessas dimensões, olhando para a relação entre nossa situação ética e as normas reveladas na Palavra de Deus.

Ao longo desta série de lições, também descrevemos a relação entre a Palavra de Deus, situações e pessoas em termos de três perspectivas sobre ética. Em primeiro lugar, há a perspectiva normativa, que analisa a ética a partir da perspectiva da Palavra de Deus. Essa perspectiva enfatiza as regras ou normas que Deus nos revela.

Em segundo lugar, a perspectiva situacional aborda a ética com ênfase na situação, considerando como os detalhes de nossas circunstâncias se relacionam com nossas decisões éticas e como podemos trabalhar com essas circunstâncias para trazer glória a Deus.

Em terceiro lugar, há a perspectiva existencial, que considera a ética na perspectiva das pessoas que tomam decisões éticas. Essa perspectiva enfatiza seus papéis e características, e as maneiras pelas quais devem mudar para agradar ao Senhor.

Todas essas três perspectivas são verdadeiras, valiosas e complementares. Assim, o mais sábio curso de ação é usar todas as três perspectivas juntas, permitindo que cada uma informe nossa compreensão das outras.

Nesta lição em particular, abordaremos a ética a partir da perspectiva situacional, observando como os vários elementos de nossa situação devem informar as decisões que tomamos.

Nossa lição será dividida em quatro seções principais: Primeiro, consideraremos o conteúdo situacional da revelação, prestando atenção ao que a revelação nos ensina sobre situações éticas. Em segundo lugar, falaremos da natureza situacional da revelação. Aqui estaremos especialmente preocupados em notar que a revelação de Deus deve ser entendida dentro do contexto de suas próprias situações. Terceiro, discutiremos algumas estratégias interpretativas populares em relação à revelação, observando algumas maneiras pelas quais os cristãos lidam com o caráter situacional da revelação. E quarto, nos voltaremos para a aplicação da revelação às nossas situações modernas. Vamos começar com o conteúdo da revelação como uma das mais importantes fontes de informação sobre nossa situação.

## CONTEÚDO DA REVELAÇÃO

---

Como você se lembrará das lições anteriores, existem três tipos básicos de revelação: revelação especial, como a Bíblia; revelação geral, que nos chega através da criação em geral; e revelação existencial, que nos chega através das pessoas. Devemos sempre lembrar que Deus revela sua vontade para nós em todos esses três caminhos.

Agora, embora a revelação especial, geral e existencial diferem em alguns aspectos, todos eles comunicam o conteúdo na forma de fatos. Esses fatos incluem tudo o que Deus revela sobre a nossa situação, como eventos, pessoas, objetos, idéias, deveres, ações — até mesmo Deus e sua revelação.

É possível falar dos fatos que a revelação de Deus comunica de inúmeras maneiras. Além de falar sobre fatos em geral, também falaremos de metas e meios. Metas são os resultados pretendidos ou potenciais de pensamentos, palavras e ações. São os fins pelos quais fazemos as coisas ou pelos quais devemos fazer as coisas. E os meios são formas de alcançar nossos objetivos. Eles incluem tudo o que podemos pensar, dizer ou fazer, e qualquer ferramenta ou método que possamos usar para atingir nossos objetivos.

Vamos dar uma olhada mais de perto no conteúdo da revelação olhando brevemente para cada um dos elementos situacionais que mencionamos. Primeiro, consideraremos a revelação em termos dos fatos que ela nos apresenta. Em segundo lugar, veremos os objetivos que a revelação nos obriga a buscar. E terceiro, exploraremos os meios que a revelação nos ensina a usar quando buscamos esses objetivos. Vamos começar com os fatos gerais que a revelação nos apresenta.

## FATOS

Agora, por razões óbvias, seria impossível listar todos os fatos que a revelação especial, geral e existencial nos comunicam. Assim, para ilustrar o importante papel que

os fatos desempenham em nossas avaliações éticas, nos concentraremos no próprio Deus como o fato mais básico que aprendemos por meio da revelação.

Quando estudamos a perspectiva normativa nas lições anteriores, vimos que o caráter de Deus é nossa norma ou padrão supremo. Correspondentemente, a partir da perspectiva situacional, Deus é nosso último fato, nosso último ambiente ético. A realidade da existência de Deus domina todas as questões éticas e nos obriga a viver de acordo com o padrão de seu caráter.

É claro que, para conhecermos nossas obrigações diante de Deus, ele deve primeiro se revelar a nós. E é aqui que entra a revelação. Por meio da revelação, Deus nos conta fatos sobre si mesmo e fatos sobre o que ele exige. Sem revelação, ainda estaríamos obrigados a obedecer a Deus, mas não saberíamos como.

Pense em termos da situação que você enfrenta como cidadão de um país. O governo é a autoridade da terra e suas leis são meios pelos quais o governo exerce controle sobre seus súditos. O governo também exerce controle de outras maneiras. Tem funcionários que realizam sua licitação. Tem mapas que definem seus limites. Tem tratados e outras relações com países estrangeiros. Tem moeda para administrar a economia e assim por diante. Todos esses são meios pelos quais o governo exerce sua autoridade e controla essas coisas sob sua autoridade.

Ou, em outras palavras, a existência do governo é um fato em nossa situação legal, e suas leis são fatos adicionais que explicam os tipos de deveres que devemos ao governo. E se quisermos obedecer ao governo, esses são fatos que precisamos saber.

De maneira semelhante, Deus é a autoridade suprema sobre toda a criação. Sua autoridade é absoluta e seu caráter é a expressão perfeita de sua vontade. Então, quando ele revela seu caráter, essa revelação é o meio pelo qual Deus exerce o controle, assim como os governos humanos exercem o controle através de suas leis. E assim como os seres humanos obedecem às leis civis porque se submetem à autoridade do governo, toda a criação deve obedecer às leis de Deus curvando-se à sua autoridade.

Além de nos comunicar os fatos, a revelação de Deus também nos ensina sobre um conjunto especial de fatos que são particularmente importantes para a ética: os objetivos apropriados para o comportamento cristão e a tomada de decisões.

## OBJETIVOS

Quando falamos de objetivos na ética, temos em mente os resultados esperados de nossos empreendimentos. De muitas maneiras, isso não é diferente da maneira como definimos metas para realizar qualquer outra coisa na vida. Eu poderia estabelecer um objetivo para acordar em um determinado horário todos os dias, ou para comprar um presente para minha esposa em seu aniversário. Nossos objetivos podem ser pequenos ou grandes. Podem ser coisas que esperamos realizar imediatamente ou coisas que planejamos fazer no futuro distante. Mas em todos os casos, nossos objetivos direcionam nossas ações.

Agora, na maioria dos casos, nossos objetivos são bastante complexos. Por exemplo, considere um carpinteiro que mede e corta madeira com o propósito de construir uma casa. Quando ele mede e corta madeira, seus objetivos mais imediatos são medir e cortar com precisão. Um objetivo mais distante é construir a casa. Ele também

pode estar trabalhando para ganhar dinheiro para alimentar sua família. E se suas ações são realmente boas, seu objetivo final deve ser fazer tudo pela glória de Deus.

E assim como revelações especiais, gerais e existenciais nos ensinam fatos genéricos importantes, cada tipo de revelação também nos fornece objetivos que devemos adotar na ética cristã.

Em primeiro lugar, a revelação especial nos dá inúmeras metas que devem ser consideradas na ética cristã. Para citar apenas alguns, a Escritura nos ensina os objetivos de fazer o bem aos nossos vizinhos e de criar filhos em Cristo e de lutar pela unidade da igreja. Mas entre os muitos objetivos que a revelação especial nos ensina, ela apresenta a glória de Deus como a mais elevada e mais importante.

Por exemplo, em 1 Coríntios 10:31, Paulo deu esta instrução:

**Quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus (1 Coríntios 10:31).**

Mesmo em coisas menores da vida, como escolher o que comer e beber, nosso objetivo final deve ser glorificar a Deus.

A revelação geral também identifica muitos objetivos que são bons e outros que são maus. E como revelação especial, nos ensina que o maior objetivo é glorificar e agradecer a Deus. Ouça as palavras de Paulo em Romanos 1:20-21:

**Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis; porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se (Romanos 1:20-21).**

A glória de Deus na criação revela que devemos ser leais a Deus e que devemos louvá-lo — que devemos glorificá-lo em tudo o que fazemos. Em suma, nos ensina a colocar a glória de Deus como nosso maior objetivo.

Finalmente, a revelação existencial também nos ajuda a diferenciar boas metas de objetivos malignos, especialmente através de nossas consciências. E no caso dos crentes, o Espírito Santo é outra fonte de revelação existencial, movendo-se dentro de nós para que busquemos bons objetivos e evitemos os maus. Como Paulo escreveu em Filipenses 2:13:

**É Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele (Filipenses 2:13).**

Vemos aqui que Deus opera em nós existencialmente, através do ministério interior do Espírito Santo, nos capacitando e nos motivando a agir de acordo com o seu propósito, de acordo com o seu objetivo.

Então, vemos que Deus usa todas as três formas de revelação — especial, geral e existencial — para nos ensinar os objetivos que Deus aprova.

Tendo olhado para o conteúdo situacional da revelação em termos de fatos e objetivos, agora estamos prontos para explorar os meios que Deus revelou para nós usarmos em nossas situações éticas.

## MEIOS

No início do século XVI, o filósofo político florentino Nicolau Maquiavel escreveu um livro que veio a ser conhecido pelo título *O Príncipe*. Em muitas línguas, o nome de Maquiavel é sinônimo do slogan “o fim justifica os meios”. Seu trabalho tornou-se um tanto infame por ensinar que, em muitos casos, os políticos devem violar princípios morais para atingir metas que beneficiem o Estado.

Mas a revelação de Deus nos apresenta uma ideia muito diferente. Para responder a qualquer questão ética de maneira bíblica, devemos não apenas conhecer os fatos e os objetivos que Deus revelou, mas também devemos encontrar os meios apropriados que Deus revelou. Afinal, avaliar fatos e estabelecer metas são coisas que influenciam nossas ações. Mas nossas próprias ações são os meios que escolhemos para atingir nossos objetivos. E como todos os cristãos sabem, a Bíblia tem muito a dizer sobre como agimos. Então, o que Deus disse sobre os meios que escolhemos é um elemento vitalmente importante do nosso processo de tomada de decisão. Considere o ensinamento de Tiago em Tiago 2:15-16:

**Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: “Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se”, sem porém lhe dar nada, de que adianta isso? (Tiago 2:15-16).**

É importante reconhecer o fato de que há pessoas pobres que precisam de comida e roupas. E também é importante definir o objetivo de vê-los aquecidos e alimentados. Mas o meio de atingir esse objetivo é fundamental: precisamos realmente lhes dar comida e roupas.

Neste caso, Tiago pediu que seus leitores buscassem clarificação principalmente da revelação geral e existencial, fazendo perguntas como: que meios estão disponíveis para ajudar os pobres? Mas, devemos sempre lembrar que a revelação especial também tem muito a nos ensinar sobre os meios que devemos usar para alcançar os objetivos divinos.

Uma das principais maneiras pelas quais a Escritura nos ensina sobre meios éticos é dando-nos exemplos a serem considerados. Por um lado, encontramos muitos exemplos negativos de pessoas que não tiveram um desempenho tão admirável. Mas, por outro lado, também encontramos muitos exemplos positivos de pessoas que entenderam adequadamente as normas de Deus, avaliaram adequadamente suas circunstâncias e, em seguida, realizaram boas ações para alcançar bons objetivos.

Por um lado, o apóstolo Paulo chamou a atenção para exemplos negativos em 1 Coríntios 10:8-11, onde escreveu estas palavras:

**Não pratiquemos imoralidade, como alguns deles fizeram — e num só**

**dia morreram vinte e três mil. Não devemos pôr o Senhor à prova, como alguns deles fizeram — e foram mortos por serpentes. E não se queixem, como alguns deles se queixaram — e foram mortos pelo anjo destruidor. Essas coisas aconteceram a eles como exemplos e foram escritas como advertência para nós, sobre quem tem chegado o fim dos tempos (1 Coríntios 10:8-11).**

Paulo extraiu esses exemplos negativos das experiências dos antigos israelitas durante seus 40 anos de peregrinação no deserto. Deus havia esclarecido muitos fatos genéricos para os israelitas. Ele também havia revelado os objetivos de sua jornada. Mas enquanto viajavam, os israelitas pecaram muito ao se afastarem dos meios que Deus lhes havia instruído a usar para alcançar seus objetivos — meios como viver piedosamente, pureza na adoração e oração. Em vez disso, os israelitas preferiam os meios de imoralidade sexual, idolatria e resmungos. E assim, eles serviram como um exemplo negativo, nos mostrando alguns dos meios que Deus desaprova e amaldiçoa fortemente. Por outro lado, Paul também chamou a atenção para exemplos positivos, como em 1 Coríntios 11:1, onde ele deu esta instrução:

**Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo (1 Coríntios 11:1).**

Aqui, Paulo ofereceu a si mesmo e a Jesus como dois exemplos positivos de comportamento ético. Nesse caso, Paulo estava falando amplamente de todas as informações que os coríntios haviam recebido sobre Jesus e sobre ele mesmo, não importando se havia sido revelação especial, geral ou existencial. E ele indicou que, tendo em vista a vida perfeita de Jesus e de seu próprio comportamento imperfeito, mas exemplar, os coríntios poderiam aprender não apenas fatos e objetivos, mas também meios piedosos.

Em resumo, vemos que o conteúdo situacional da revelação inclui fatos, metas e meios essenciais para a tomada de decisões éticas apropriadas. Então, se quisermos tomar decisões bíblicas em nossa vida diária, temos que entender o que Deus revelou sobre essas dimensões de nossa situação.

Agora que vimos que conhecer o nosso dever implica compreender o que o conteúdo da revelação nos diz sobre a nossa situação, devemos nos voltar para o segundo tópico: a natureza situacional da própria revelação. A revelação de Deus nos chega incorporada em suas próprias situações. E por causa disso, precisamos considerar questões como, quais são as circunstâncias para as quais, e dentro das quais, Deus se revelou? E como a compreensão dessas situações nos ajuda a tomar decisões éticas?

---

## NATUREZA DA REVELAÇÃO

---

Reconhecer o que a revelação de Deus diz sobre fatos, objetivos e meios é uma parte importante do conhecimento do que é nosso dever. Mas também é fundamental que

entendamos como a revelação é influenciada por sua própria situação. Se não entendermos como as situações influenciam a maneira como Deus se revela, corremos o risco de entender mal o que ele revelou.

Como vimos em outras lições, desde o início da criação, a revelação geral e existencial sempre foram acompanhadas por uma revelação especial. Em nossos dias, a revelação especial das Escrituras nos foi dada como um guia, como óculos através dos quais devemos interpretar a revelação geral e existencial. Isto significa que a Escritura tem uma prioridade prática sobre tudo o que podemos pensar que encontramos na revelação geral e existencial.

A revelação geral afirma as Escrituras, mas nunca pode revelar quaisquer normas éticas que não sejam também reveladas nas Escrituras. Assim, qualquer contribuição que a revelação geral faça ao nosso conhecimento do que é nosso dever é puramente um esclarecimento do que a Escritura já nos oferece.

E o mesmo acontece com a revelação existencial. A revelação existencial afirma o ensino da Escritura e nunca nos ensina qualquer norma ética que não seja também direta ou implicitamente ensinada nas Escrituras.

Toda a revelação de Deus é importante, valiosa e verdadeira. Mas, como a Escritura é a chave para entender toda a Palavra de Deus, nossas discussões sobre a natureza situacional da revelação enfocarão particularmente a Bíblia. Ainda assim, devemos ter em mente que muito do que dizemos sobre a Bíblia também é verdade sobre o restante da revelação de Deus.

Nós dividiremos nossa discussão da natureza situacional da revelação em duas partes: Primeiro, falaremos sobre a inspiração da Escritura, considerando os fatos, objetivos e meios que cercam a escrita das Escrituras. Em segundo lugar, veremos um exemplo que confirma a importância de compreender os fatos, objetivos e meios envolvidos na inspiração das Escrituras. Vamos começar com a inspiração da Escritura — a maneira pela qual Deus moveu os autores humanos para criar as Escrituras.

## INSPIRAÇÃO

A Escritura é um documento humana divinamente inspirada. O Espírito Santo motivou e superintendeu os escritos dos autores humanos, a fim de garantir que tudo o que eles contêm seja verdade. O Espírito fez isso de uma maneira que manteve os autores humanos livres de erros, mas que também preservaram suas personalidades e intenções em seus escritos. Como resultado desse processo, o significado original das Escrituras é o significado que os autores divinos e humanos das Escrituras pretenderam comunicar em conjunto. Este não é um significado composto, como se o autor humano tivesse um significado e o Espírito Santo pretendesse um significado diferente. Pelo contrário, é um significado unificado em que tanto o Espírito Santo quanto o autor humano pretendiam a mesma coisa.

Infelizmente, muitos cristãos bem intencionados agem como se Deus não nos tivesse dado a Escritura dentro de situações históricas. Eles tratam a Bíblia como atemporal, como se ela fosse escrita sem envolvimento humano. Mas quando consideramos o que os escritores bíblicos disseram sobre seus próprios livros, vemos que esse não é o caso. As Escrituras foram dadas em situações históricas.

Essa doutrina da inspiração é descrita em muitos lugares na Bíblia, mas nos limitaremos a dois textos que demonstram as contribuições que tanto o Espírito Santo quanto os escritores humanos fizeram ao conteúdo das Escrituras. Em primeiro lugar, vamos considerar o papel do Espírito Santo como o autor das Escrituras. Ouça a maneira como Pedro explicou a natureza da inspiração em 2 Pedro 1:20-21:

**Nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo (2 Pedro 1:20-21).**

Como Pedro mencionou aqui, a Bíblia não é uma escrita meramente humana. É um livro escrito por homens que foram guiados pelo Espírito Santo. Pedro nos assegura que tudo o que encontramos nas Escrituras carrega a autoridade de Deus e é totalmente confiável.

Agora, em vários momentos, os professores entenderam mal este e outros textos bíblicos e concluíram que o Espírito Santo é o único verdadeiro autor das Escrituras. Esses professores acreditaram erroneamente que os escritores humanos não fizeram contribuições para seus próprios escritos. Então, vamos passar para um texto diferente — um que indica que os escritores humanos das Escrituras também tiveram uma contribuição tremenda em seus escritos.

Em Mateus 22:41-45, encontramos a seguinte conversa entre Jesus e alguns fariseus que se opuseram a ele:

**Estando os fariseus reunidos, Jesus lhes perguntou: 42 “O que vocês pensam a respeito do Cristo? De quem ele é filho?” “É filho de Davi”, responderam eles. Ele lhes disse: “Então, como é que Davi, falando pelo Espírito, o chama ‘Senhor’? Pois ele afirma: “O Senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo de teus pés’. Se, pois, Davi o chama ‘Senhor’, como pode ser ele seu filho?” (Mateus 22:41-45).**

Aqui, Jesus se referiu ao Salmo 110:1. E o ponto dele era que, para entender o que o Espírito Santo queria dizer nesse verso, primeiro era necessário saber que Davi o escreveu e, segundo, conhecer o significado original que Davi pretendia comunicar.

Para entender o significado original de qualquer Escritura, temos que aprender muitos fatos sobre seus autores, tais como suas circunstâncias, suas experiências, sua educação, sua teologia e suas prioridades. E muitas vezes, nossa compreensão dessas coisas pode ser reforçada por outras informações que vêm de fora da Bíblia, como fatos históricos, culturais e lingüísticos.

Além disso, temos que prestar atenção aos objetivos dos autores das Escrituras. Quais foram seus motivos? Que público eles esperavam que lessem seus escritos? E que respostas eles tentaram extrair desses leitores?

E mais, ainda temos que considerar os meios empregados pelos escritores bíblicos; coisas como a linguagem em que escreviam, o gênero de literatura que usavam, suas técnicas retóricas e as estruturas de seus pensamentos e argumentos.

Para confiar nas Escrituras apropriadamente na ética cristã, devemos avaliar todos esses fatos, objetivos e meios para aprender por que os autores das Escrituras escreveram o que eles escreveram, como eles escreveram e como o público original os teria entendido.

## EXEMPLO

Agora que descrevemos a natureza situacional da inspiração das Escrituras, devemos olhar para um exemplo da Bíblia que confirma a importância de considerar esses aspectos situacionais da revelação.

É certo que é impossível identificar todos os fatos, objetivos e meios que são relevantes para qualquer texto particular das Escrituras, e muito menos para entender como eles se relacionam com o significado original. Mas, felizmente, a própria Bíblia registra muitos exemplos que podem nos guiar. Escritores bíblicos e personagens bíblicos confiáveis frequentemente explicam textos bíblicos escritos por autores anteriores. E seus exemplos nos fornecem muitas oportunidades para ver a importância dos aspectos situacionais das Escrituras.

Para ilustrar os tipos de considerações situacionais que devemos ter em mente, vamos considerar 1 Coríntios 10:5-11, onde Paulo se concentrou no caráter situacional do relato do Antigo Testamento sobre Israel no deserto. Lá ele escreveu estas palavras:

**Deus não se agradou da maioria deles [nossos antepassados]; por isso seus corpos ficaram espalhados no deserto. Essas coisas ocorreram como exemplos para nós, para que não cobicemos coisas más ... Não sejam idólatras, como alguns deles foram, conforme está escrito: “O povo se assentou para comer e beber, e levantou-se para se entregar à farrá”. Não pratiquemos imoralidade, como alguns deles fizeram — e num só dia morreram vinte e três mil. Não devemos pôr o Senhor à prova, como alguns deles fizeram — e foram mortos por serpentes. E não se queixem, como alguns deles se queixaram — e foram mortos pelo anjo destruidor. Essas coisas ... foram escritas como advertência para nós (1 Coríntios 10:5-11).**

Nesta passagem, Paulo se referiu a quatro passagens do Antigo Testamento:

- Êxodo 32, onde os israelitas se entregavam à folia pagã e cerca de 3.000 homens foram condenados à morte como punição.
- Números 25, onde cometeram imoralidade sexual e 23.000 morreram.
- Números 21, onde testaram o Senhor e muitos foram mortos por cobras.
- Números 16, onde eles resmungaram contra Moisés e muitos foram mortos pelo anjo destruidor.

Mas observe que Paulo simplesmente não apontou esses detalhes históricos. Em vez disso, ele explicou que Moisés registrou esses detalhes para fornecer um exemplo para os futuros leitores. Como Paulo escreveu em 1 Coríntios 10:11:

**Essas coisas ... foram escritas como advertência para nós (1 Coríntios 10:11).**

Paulo acreditava que Moisés escreveu o Pentateuco sob a inspiração do Espírito Santo com o propósito de alertar as futuras gerações contra a repetição dos fracassos dos israelitas. E porque ele entendeu a situação dessas passagens dessa maneira, Paulo destacou vários fatos que essas passagens apresentavam.

Primeiro, ele observou o fato de que Deus não estava satisfeito com as ações dos antigos israelitas. Moisés declarou isso explicitamente nos textos aos quais Paulo se referiu. Em segundo lugar, Paulo reforçou este ponto, notando o fato de que Deus matou muitos israelitas por esses pecados; como ele escreveu, “seus corpos ficaram espalhados pelo deserto”. Isso tinha muito significado para Paulo porque indicava a extrema desaprovação moral de Deus aos israelitas. Em terceiro lugar, Paulo prestou atenção ao fato de que ações específicas desagradavam a Deus: paganismo, idolatria, testes e resmungos.

Além desses fatos que Paulo mencionou especificamente, ele também assumiu muitos outros fatos, como o fato de que a Escritura é verdadeira, o fato de ser autoritária e o fato de ser aplicável aos cristãos. E com base em muitos desses fatos, Paulo foi capaz de concluir que o objetivo de Moisés era usar os meios da Escritura inspirada para registrar essas coisas para as gerações futuras, para que elas aprendessem com os erros de Israel.

Nós não temos tempo para explorar todas as nuances do método de Paulo aqui. Mas vale a pena notar que ele estava preocupado com pelo menos dois tipos de assuntos situacionais ao interpretar esses textos inspirados do Antigo Testamento:

- Primeiro, os detalhes relatados nas Escrituras — Paulo aceitou o Antigo Testamento como factual e confiável, e sabia que os detalhes das histórias eram importantes para seus significados.
- Segundo, a intenção do autor — Paulo entendeu que o objetivo de Moisés não era simplesmente nos dizer o que aconteceu há muito tempo. Em vez disso, ele escreveu para obter uma resposta de seus leitores.

Agora, esta lista não é de forma alguma exaustiva, mas é um exemplo bom — e até mesmo autoritário — dos tipos de características situacionais que devemos considerar quando interpretamos as Escrituras. Devemos considerar as coisas que as Escrituras explicitam, como os detalhes factuais relatados. E devemos considerar as coisas implícitas nas Escrituras, como a intenção do autor e o objetivo do material escrito. Lembrando-se da natureza situacional das Escrituras nestes e em outros aspectos, podemos ter maior confiança de que os entendemos corretamente.

Agora que examinamos como o conteúdo da revelação aborda os fatos, objetivos e meios de nossa situação, e a natureza historicamente situada da revelação, devemos voltar nossa atenção para algumas estratégias populares para lidar com o caráter situacional da revelação.

## ESTRATÉGIAS PARA A REVELAÇÃO

---

Como trabalhamos na ética cristã a partir da perspectiva situacional, somos frequentemente desafiados pelo fato de estarmos lidando com duas situações, a situação das Escrituras e nossa situação moderna. E isso significa que temos que encontrar maneiras de conectar as situações das Escrituras ao nosso mundo moderno. Esse processo costuma ser bastante complexo e, infelizmente, os cristãos tendem a procurar atalhos que simplifiquem demais as questões envolvidas. Portanto, antes de abordarmos a aplicação moderna em si, devemos olhar para algumas dessas estratégias equivocadas que os cristãos freqüentemente adotam.

Em nossa discussão, abordaremos três estratégias populares para lidar com o caráter situacional da revelação: Primeiro, falaremos da estratégia da negligência. Em segundo lugar, falaremos da estratégia do rigor. E terceiro, falaremos da estratégia que favorece a autoridade humana. Por causa do tempo, nos limitaremos a discutir as Escrituras. Mas, mais uma vez, devemos estar cientes de que essas mesmas estratégias são frequentemente levadas para outros tipos de revelação também.

Para ilustrar a dificuldade de relacionar a escritura com o mundo moderno, vamos imaginar uma casa em um grande terreno que gradualmente dá lugar a um deserto perigoso. A casa representa as coisas que são claramente ordenadas ou permitidas nas Escrituras. O deserto representa aquelas coisas que são claramente proibidas na Bíblia. O terreno ao redor da casa representa aquelas coisas que, em um grau ou outro, não são claras para a pessoa que lê a Bíblia; assuntos nos quais não temos certeza de como relacionar as situações das escrituras com as situações do mundo moderno. Essa percepção de falta de clareza levou muitas vezes os cristãos a adotarem estratégias simples para definir os limites da moralidade cristã; estratégias que estamos descrevendo em termos de negligência, rigor e autoridade humana. Então, vamos começar com a negligência como uma estratégia popular, mas equivocada, para relacionar as dimensões situacionais da revelação com o mundo moderno.

### NEGLIGÊNCIA

Nossa discussão sobre a negligência se dividirá em três partes: primeiro, daremos uma descrição básica desta estratégia e suas causas. Em segundo lugar, ofereceremos alguns exemplos das consequências da negligência. E terceiro, iremos sugerir alguns corretivos que podem nos ajudar a evitar a negligência em nosso manuseio das Escrituras. Vamos começar com uma descrição básica de negligência.

#### Descrição

A negligência é uma estratégia que tende à permissividade, de modo que aqueles que usam essa estratégia demoram a identificar e condenar os pecados no mundo moderno. Como resultado, eles freqüentemente acabam permitindo o que a Bíblia proíbe e ignorando o que a Bíblia ordena.

Os cristãos estão predispostos a leituras negligentes das Escrituras por pelo menos duas razões. Às vezes, eles acreditam erroneamente que as situações na Bíblia são tão diferentes das situações da vida moderna que a Bíblia não pode ser aplicada aos nossos dias. Em outras ocasiões, os cristãos adotam uma estratégia de negligência porque acreditam que as situações na Bíblia são muito vagas para serem aplicadas à vida moderna. Frequentemente, isso acontece porque eles acham que os fatos, metas e meios da Bíblia são ambíguos, ou até incognoscíveis.

Pense em termos da nossa ilustração de uma casa cercada por um grande terreno que gradualmente dá lugar a um deserto perigoso. Como você deve lembrar, a casa representa as coisas que são claramente permitidas nas Escrituras. O deserto representa aquelas coisas que são claramente proibidas na Bíblia. O terreno ao redor da casa representa aqueles assuntos nos quais as instruções da Escritura são um tanto obscuras para o leitor.

Agora suponha que queremos construir uma cerca em torno daquelas coisas que as Escrituras permitem, para que possamos definir os limites da moralidade cristã. Uma estratégia de negligência tenderia a construir a cerca o mais próximo possível da borda do deserto, a fim de entender como permissíveis as coisas que não são claras.

Mas há um problema com essa prática negligente. Nem tudo o que não está claro para nós é permitido. Então, se colocarmos a cerca na beira do deserto, quase certamente permitiremos coisas que as Escrituras proíbem.

Assim, seja assumindo que a situação bíblica é tão diferente da nossa que não podemos aplicá-la, ou insistindo que ela é muito vaga para ser aplicada com alguma confiança, entendimentos negligentes tendem a colocar restrições muito limitadas ao comportamento cristão.

Com esta descrição da estratégia da negligência em mente, devemos mencionar alguns exemplos das consequências que podem resultar dessa abordagem em direção à revelação.

## Consequências

As consequências da negligência são bastante previsíveis: uma estratégia de negligência encoraja os cristãos a racionalizar muitos pecados. Vamos mencionar apenas quatro das muitas maneiras que isso pode acontecer. Primeiro, a negligência pode encorajar os cristãos a ficarem satisfeitos em escolher o menor dos erros contrastantes, os levando a justificar uma ação errada, na base de que parece ser mais justo do que a ação oposta.

Considere um marido e uma esposa que passaram a desprezar um ao outro. Agora, sabemos que a Bíblia condena o divórcio sem a devida justificativa e que requer que os cônjuges se amem uns aos outros. Mas os cristãos que adotam uma abordagem negligente podem argumentar que a Bíblia não é clara sobre o que os cristãos devem fazer nessa situação específica. E eles podem aconselhar o divórcio na base de que parece melhor do que um relacionamento cheio de ódio.

Mas quando avaliamos os fatos, objetivos e meios das Escrituras de uma maneira responsável, descobrimos que ela fala claramente desta situação moderna. A verdadeira solução é que todos os maridos e esposas estejam em conformidade com as instruções

morais das Escrituras, arrependendo-se de seus próprios pecados e aprendendo a amar uns aos outros nos laços do casamento.

Segundo, a negligência tende a permitir exceções inapropriadas aos comandos bíblicos. Isso geralmente acontece quando os cristãos falham em ver que os mandamentos das escrituras se aplicam a mais situações do que as especificamente mencionadas na Bíblia.

Por exemplo, nos dias de Jesus algumas pessoas acreditavam que, desde que não cometessem adultério físico, elas não estavam violando o mandamento contra o adultério. Eles foram negligentes em ver as verdadeiras implicações deste mandamento contra o adultério para situações diferentes da infidelidade física. Mas em Mateus 5:28, Jesus os corrigiu, dizendo:

**Qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração (Mateus 5:28).**

Quando deixamos de apreciar os fatos, objetivos e meios relacionados ao mandamento contra o adultério, podemos facilmente negar que tanto o adultério quanto a luxúria violam a vontade de Deus.

Terceiro, a negligência tende a encorajar os cristãos a acrescentar falsas qualificações aos mandamentos da Bíblia. Eles imaginam fatos, objetivos ou meios que a Bíblia não indica, e usam essas qualificações imaginadas como desculpas para ignorar os mandamentos das Escrituras.

Por exemplo, em Deuteronômio 25:4 a lei proíbe amordaçar um boi enquanto debulha grãos. E uma estratégia negligente em relação às Escrituras pode imaginar a falsa qualificação que este versículo se aplica apenas a pessoas que usam bois para debulhar grãos. Poderíamos pensar para nós mesmos: “Eu não tenho bois; portanto, esta ordem não se aplica a mim”. Mas em 1 Coríntios 9:9 e 1 Timóteo 5:18, Paulo apelou a esta lei para provar que os ministros cristãos deveriam ser pagos pelos seus esforços. Em casos como este, uma estratégia negligente desencoraja os cristãos de aplicar os princípios dos comandos bíblicos a situações diferentes das da Escritura.

Quarto, uma estratégia de negligência pode nos levar a pensar que bons motivos às vezes desculpam as ações más. Isto é, quando acreditamos que os fatos, objetivos e meios das Escrituras são muito diferentes ou muito vagos, podemos estar inclinados a julgar as ações com base exclusivamente em nossos motivos modernos.

Por exemplo, muitos de nós podem estar inclinados a desculpar um homem faminto que rouba comida. Agora, reconhecidamente, a motivação do homem que rouba para comer é muito diferente da do homem que rouba por dinheiro fácil. No entanto, a Palavra de Deus ainda condena as duas ações. Como lemos em Provérbios 6:30-31:

**O ladrão não é desprezado se, faminto, rouba para matar a fome. Contudo, se for pego, deverá pagar sete vezes o que roubou, embora isso lhe custe tudo o que tem em casa (Provérbios 6:30-31).**

Em resumo, uma estratégia de negligência tende a ser permissiva demais, permitindo o que Deus proíbe e, assim, ocultando nosso verdadeiro dever de nós. Ela nos

encoraja a navegar os detalhes da Lei de Deus com o máximo de licença pessoal possível, sempre procurando maneiras de evitar suas obrigações.

Tendo considerado a descrição e as consequências da negligência, agora oferecemos alguns corretivos para essa estratégia equivocada em direção à revelação.

## Corretivos

Como já dissemos, a negligência é comumente enraizada no entendimento de que a Escritura é tão diferente que é inaplicável, ou no entendimento de que é muito vaga para ser aplicável. Assim, uma das melhores maneiras de evitar esse erro é entender a semelhança da Bíblia com o mundo moderno, bem como sua clareza.

Por um lado, a Bíblia nos assegura que as situações das Escrituras são sempre suficientemente semelhantes às nossas para que façamos aplicações modernas. De uma forma ou de outra, todas as passagens da Bíblia têm algo a nos ensinar sobre a ética no mundo moderno. Como Paulo escreveu em 2 Timóteo 3:16-17:

**Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra (2 Timóteo 3:16-17).**

Sempre que somos tentados a pensar que a Bíblia é inaplicável porque suas situações são tão diferentes das nossas, precisamos examinar mais de perto os fatos, metas e meios relacionados às Escrituras, e os fatos, objetivos e meios da vida moderna. Se o fizermos, poderemos descobrir alguma correspondência que nos ajude a aplicar as Escrituras. Mas mesmo se acharmos que as situações das Escrituras e da vida moderna ainda parecem ser diferentes, não devemos concluir que a Bíblia é inaplicável. Em vez disso, devemos admitir nossas limitações, continuar estudando o assunto e buscar o conselho de outras pessoas, como pastores e professores.

Por outro lado, com relação à imprecisão da Bíblia, a Bíblia também ensina que as Escrituras são suficientemente claras. Como Moisés escreveu em Deuteronômio 29:29:

**As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei (Deuteronômio 29:29).**

Deus proveu as Escrituras para nos dar conhecimento do nosso dever. E ele a projetou para que não apenas se comunica-se com a audiência original, mas também com as gerações futuras, ou como lemos aqui, com nossos filhos para sempre.

A Bíblia não é igualmente clara em todas as áreas, e nem toda pessoa pode entender todas as passagens. Mas a Escritura é sempre clara o suficiente para que as aplicações éticas sejam extraídas dela. Assim, sempre que somos tentados a pensar que a Bíblia não é clara, devemos lembrar que a culpa é nossa, não das Escrituras. E, para corrigir essa falha, precisamos reexaminar os fatos, metas e meios das Escrituras, buscando seu significado original. Às vezes isso nos ajudará a entender suficientemente

as Escrituras para aplicá-las à vida moderna. E se isso não acontecer, devemos admitir nossas limitações, determinar continuar estudando o assunto e buscar o conselho daqueles que são mais sábios do que nós.

Tendo visto que os erros surgem quando adotamos a negligência como nossa estratégia, devemos agora olhar para os erros que resultam de uma estratégia de rigor em nosso entendimento e aplicação das Escrituras.

## RIGOR

Nossa discussão da estratégia do rigor prosseguirá da mesma maneira que nossa discussão sobre a negligência. Primeiro, apresentaremos uma descrição geral do rigor como estratégia. Em segundo lugar, ofereceremos alguns exemplos das conseqüências do rigor. E terceiro, iremos sugerir alguns corretivos que podem nos ajudar a evitar o uso dessa estratégia insatisfatória. Vamos começar com uma descrição da estratégia do rigor.

### Descrição

Quando os cristãos estão inclinados a seguir uma estratégia rigorosa em direção à revelação, eles estão extremamente preocupados em se proteger contra o pecado, especialmente como está definido nas proibições listadas nas Escrituras. Como resultado, eles tendem a errar do lado do comportamento excessivamente restritivo, e não do lado de permitir isso.

Como a estratégia da negligência, a estratégia do rigor também resulta comumente de entendimentos equivocados sobre a semelhança da Bíblia com o mundo moderno e sobre sua clareza.

Com relação à semelhança da Bíblia com o mundo moderno, uma estratégia de rigor muitas vezes vê as situações na Bíblia como sendo tão semelhantes às nossas que a Bíblia é diretamente aplicável às nossas vidas. Essa estratégia dá pouca ou nenhuma consideração às maneiras pelas quais os fatos, metas e meios das Escrituras diferem daqueles do mundo moderno. Os cristãos que endossam essa abordagem freqüentemente argumentam que a aplicação correta equivale a fazer exatamente o que era esperado nos tempos bíblicos.

E com relação à clareza da Bíblia, os cristãos que endossam uma estratégia rigorosa acreditam erroneamente que, quando os fatos, objetivos e meios da Bíblia parecem ser vagos, a resposta apropriada é aplicar as Escrituras de maneira restritiva.

Lembre-se da ilustração da casa e da cerca. Mais uma vez, a casa representa as coisas que são claramente permitidas nas Escrituras e o deserto representa aquelas coisas que são claramente proibidas na Bíblia. E o terreno ao redor da casa representa aquelas coisas que, de um modo ou de outro, não são claras para nós quando lemos a Bíblia — assuntos nos quais não temos certeza de como os fatos, objetivos e meios ensinados nas Escrituras se relacionam com os fatos, objetivos e meios do mundo moderno.

E novamente, suponha que queremos construir uma cerca em torno daquelas coisas que as Escrituras permitem para que possamos definir os limites da moralidade

cristã. Como vimos, uma estratégia de negligência construiria a cerca à beira do deserto a fim de permitir aqueles comportamentos que as Escrituras não condenam claramente. Mas, em contraste, uma estratégia de rigor tenderia a construir a cerca muito próxima da casa, de modo a proibir a maior parte do que não é claro, a fim de evitar a imoralidade.

Mas há um problema com essa prática rigorosa: muitas das coisas no terreno que estão fora da cerca são realmente permitidas ou mesmo ordenadas nas Escrituras. Quando respondemos aos ensinamentos da Bíblia de maneiras tão restritivas, muitas vezes acabamos proibindo algumas coisas que Deus permite e outras coisas que Deus realmente comanda.

Assim, seja assumindo que a situação bíblica é tão semelhante à nossa que podemos aplicá-la diretamente, ou respondendo com uma restrição inadequada à aparente imprecisão da Bíblia, entendimentos rigorosos tendem a colocar muitas limitações no comportamento cristão.

Com essa descrição em mente, estamos prontos para falar das conseqüências da estratégia do rigor.

## Conseqüências

Há muitos resultados negativos dessa abordagem rigorosa, então, por causa do tempo, vamos mencionar apenas dois. Primeiro, ela destrói a liberdade cristã ao proibir comportamentos que são errados sob certas condições, mas bons sob outras condições.

A Bíblia ensina que os cristãos têm certas liberdades de consciência. Ou seja, existem algumas ações que podem ser boas para algumas pessoas e más para outras. Os exemplos clássicos disso são as discussões de Paulo sobre alimentos que foram sacrificados a ídolos em 1 Coríntios 8-10, e em Romanos 14 há uma discussão semelhante sobre o uso de carnes e a observância de dias especiais. Nesses capítulos, Paulo indicou que comer alimentos sacrificados a ídolos era aceitável para aqueles com fortes consciências, mas pecaminosos para aqueles com consciência fraca. À luz disso, Paulo ofereceu parâmetros de quem poderia comer esse alimento e sob quais condições, mas a determinação final dependia da consciência do indivíduo.

Como as questões de consciência são muitas vezes pouco claras, uma estratégia de rigor tenderia a proibir todos de comerem essa comida, a fim de garantir que ninguém violasse sua consciência. Mas isso envolveria necessariamente proibir cristãos com consciências fortes de receberem as bênçãos de Deus. E Paulo ensinou que tais proibições gerais estão erradas. Como ele escreveu em 1 Timóteo 4:4-5:

**Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado, se for recebido com ação de graças, pois é santificado pela palavra de Deus e pela oração (1 Timóteo 4:4-5).**

Segundo, uma estratégia de rigor também inspira desespero nos crentes ao transformar a Palavra de Deus em um fardo pesado. Deus deu sua palavra ao seu povo para abençoá-los, não para oprimi-los. E há muitos lugares nas Escrituras que afirmam essa ideia. Por exemplo, ouça as palavras de Jesus em Marcos 2:27:

**O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado (Marcos 2:27).**

Jesus ensinou que Deus havia dado o mandamento do sábado a fim de abençoar seu povo.

E em Romanos 9:4-5, Paulo incluiu a lei em sua lista de tremendas bênçãos que Deus havia dado a Israel. Ouça o que ele escreveu lá:

**Deles é a adoção de filhos; deles é a glória divina, as alianças, a concessão da Lei, a adoração no templo e as promessas. Deles são os patriarcas, e a partir deles se traça a linhagem humana de Cristo, que é Deus acima de todos, bendito para sempre! Amém (Romanos 9:4-5).**

Ninguém contestaria que todos os outros itens dessa lista são uma grande bênção. Então, por que Paulo incluiu o recebimento da lei? A resposta é simples — porque a lei é realmente uma das grandes bênçãos de Deus para o seu povo.

Infelizmente, a tendência a condenar o que não é explicitamente permitido tende a transformar a Palavra de Deus em uma longa lista de proibições. E isso faz com que os cristãos fiquem tão preocupados com a manutenção da lei que eles começam a pensar em Deus como um capataz severo e não como um pai amoroso. Muitos até sentem que Deus está muito descontente com eles quando eles não conseguem viver de acordo com seus padrões rigorosos auto-impostos.

Em resumo, uma estratégia de rigor nega a liberdade cristã e nos inspira ao desespero. Desta forma, dificulta nossas tentativas de aprender nossa tarefa, e isso dificulta nossa capacidade de ter alegria no Deus de nossa salvação.

Tendo apresentado nossa descrição da estratégia do rigor, bem como algumas de suas conseqüências, devemos nos voltar agora para alguns corretivos que podem nos impedir desse erro.

## Corretivos

Como vimos, uma estratégia de rigor geralmente depende de uma de duas ilusões. Por um lado, pode resultar da crença equivocada de que os aspectos situacionais da Escritura são tão semelhantes aos nossos que a Bíblia é diretamente aplicável ao mundo moderno. Por outro lado, pode resultar do ponto de vista equivocado de que os fatos, objetivos e meios da Escritura são vagos ou mesmo impossível de serem conhecidos.

Assim, um bom corretivo para o rigor é perceber que as situações modernas são suficientemente diferentes das situações bíblicas, de modo que não podemos imitar de modo simplista as aplicações que encontramos nas Escrituras. De fato, devemos explicar as diferenças entre nossas situações e as da Bíblia. Considere, por exemplo, o mandamento de Êxodo 20:13:

**Não matarás (Êxodo 20:13).**

Esse mandamento pode ser aplicado diretamente a alguns aspectos da vida moderna. Por exemplo, é fácil ver que este mandamento proíbe matar um homem para roubar sua propriedade.

Mas fica mais difícil aplicar esse mandamento diretamente à vida moderna quando consideramos situações como autodefesa ou guerra. Uma estratégia de rigor pode tender a proibir todos os assassinatos de seres humanos, acreditando que o mandamento pretende abordar todas essas situações da mesma maneira. Mas essa conclusão é incompatível com passagens bíblicas em que os heróis militares de Israel são abençoados por matar os inimigos de Deus. Por exemplo, ouça estas palavras em Hebreus 11:32-33:

**Não tenho tempo para falar de Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e os profetas, os quais pela fé conquistaram reinos, praticaram a justiça, alcançaram o cumprimento de promessas (Hebreus 11:32-33).**

Observe que a primeira coisa pela qual esses homens são elogiados refere-se a conquista de reinos. Eles eram líderes militares e juízes que tiveram grande sucesso em derrotar os inimigos de Deus na guerra.

À luz de fatos como esses, precisamos buscar uma abordagem mais bíblica da aplicação do mandamento contra o assassinato. Devemos reconhecer que as situações abordadas no mandamento contra o assassinato não são exatamente as mesmas que as situações envolvidas na guerra e na autodefesa. E devemos explorar outras passagens bíblicas que também se aplicam a essas questões, procurando uma conclusão que esteja de acordo com toda a Escritura. E as respostas provavelmente variam de caso para caso e até de pessoa para pessoa.

Além de obter uma visão adequada das diferenças entre situações bíblicas e modernas, podemos também evitar uma estratégia de rigor, lembrando que as Escrituras são sempre suficientemente claras para comunicar a vontade de Deus em relação à ética cristã. Já falamos desse corretivo em nossa discussão anterior sobre o corretivo a negligência. Mas, como lembrete, vamos ouvir mais uma vez as palavras de Moisés em Deuteronômio 29:29:

**As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei (Deuteronômio 29:29).**

Deus providenciou a Escritura para que os antigos israelitas, assim como as futuras gerações como nós, conheçam nosso dever. E isso implica que os fatos, objetivos e meios das Escrituras são suficientemente claros para que possamos discernir nossas obrigações, de modo que não precisamos apelar para estratégias rápidas e fáceis como o rigor.

Agora que discutimos as estratégias de negligência e rigor, vamos voltar nossa atenção para a estratégia da autoridade humana como uma terceira estratégia popular e equivocada para lidar com considerações situacionais.

## AUTORIDADE HUMANA

Mais uma vez, procederemos considerando primeiro uma descrição dessa estratégia, passando então para suas consequências e, finalmente, para um corretivo. Vamos começar com nossa descrição da estratégia da autoridade humana.

### Descrição

Quando os intérpretes estão predispostos à autoridade humana, eles têm uma tendência muito forte para se submeter aos julgamentos de outros seres humanos. Essa autoridade humana pode ser um líder influente da igreja, um professor secular ou até mesmo um pai ou amigo. Ou pode tomar a forma de visões tradicionais ou eclesiais dos ensinamentos éticos da Bíblia.

Agora, é importante lembrar que todas essas autoridades humanas podem desempenhar papéis positivos no processo interpretativo. Temos uma longa e honrada tradição de teologia na igreja. E muitos estudiosos descobriram muitas informações úteis sobre os fatos, metas e meios das Escrituras. E até mesmo a comunidade secular produziu muitas considerações valiosas sobre as situações das Escrituras. Portanto, estamos certos em considerar essas autoridades humanas à medida que pesquisamos as Escrituras em busca de ensinamentos éticos. No entanto, essas tradições e comunidades humanas são frágeis portanto os crentes nunca deve se submeter cegamente a tais autoridades.

Lembre-se mais uma vez da ilustração da casa e da cerca onde o deserto representa as coisas que são claramente proibidas, a casa representa aquelas coisas que são claramente permitidas, e o terreno ao redor da casa representa aquelas coisas que são pouco claras nas Escrituras.

Como vimos, uma estratégia de negligência construiria a cerca à beira do deserto para permitir as coisas que parecem não estar claras. E, em contraste, uma estratégia de rigor tenderia a construir a cerca muito perto da casa, a fim de proibir a maior parte ou a totalidade do que não é claro. Bem, não surpreendentemente, os cristãos que seguem uma estratégia de autoridade humana não decidem por si mesmos onde colocar a cerca. Em vez disso, eles colocam a cerca onde quer que as figuras da autoridade os instruem a colocá-la.

Naturalmente, existem várias razões pelas quais as pessoas confiam demais na autoridade humana. Às vezes, eles são membros de igrejas cujos líderes afirmam ter uma visão exclusiva das Escrituras ou autoridade exclusiva para interpretá-las. Outros podem acreditar que seu conhecimento é tão insuficiente que eles simplesmente não têm base para confiar em seu próprio estudo da Bíblia. E alguns são simplesmente preguiçosos. Mas em todos os casos, sempre que um cristão abdica de sua responsabilidade de pesquisar as Escrituras e, finalmente, se submeter às decisões de meros seres humanos, esse cristão está empregando a estratégia da autoridade humana.

Tendo em mente essa descrição da estratégia da autoridade humana, vamos voltar às consequências que essa estratégia pode ter na vida dos crentes.

## Consequências

Consideraremos apenas dois dos muitos problemas que podem surgir quando dependemos demais da autoridade humana, começando com a rejeição da autoridade suprema das Escrituras. Para todos os propósitos práticos, quando as pessoas se submetem inteiramente aos julgamentos das autoridades humanas, elas rejeitam a Bíblia como sua última norma revelada.

Considere um exemplo do Novo Testamento. De acordo com os Evangelhos, Jesus encontrou muitos fariseus que rejeitaram a autoridade suprema das Escrituras em favor de interpretações tradicionais. Ouça as palavras de Jesus em Mateus 15:4-6:

**Pois Deus disse: ‘Honra teu pai e tua mãe’ ... Mas vocês afirmam que se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: ‘Qualquer ajuda que vocês poderiam receber de mim é uma oferta dedicada a Deus’, ele não está mais obrigado a ‘honrar seu pai’ dessa forma. Assim, por causa da sua tradição, vocês anulam a palavra de Deus (Mateus 15:4-6).**

Os fariseus não rejeitaram as Escrituras. Pelo contrário, eles tinham extrema consideração pelas Escrituras. Mas eles valorizaram muito suas interpretações tradicionais das Escrituras. Eles deveriam ter comparado o entendimento das Escrituras com suas interpretações tradicionais e deveriam ter concluído algo estava faltando em suas tradições. Mas, em vez disso, os fariseus aceitaram interpretações que não se alinhavam aos fatos, objetivos e meios das Escrituras. E assim, Jesus os condenou.

Um problema que está relacionado a reverenciar decisões humanas mais do que as Escrituras é o endosso de falsas interpretações. Todos os seres humanos cometem erros. Então, quando endossamos cegamente as decisões dos outros, inevitavelmente endossamos alguns erros. Isso é particularmente problemático quando a própria igreja defende falsas interpretações. Às vezes, essas falsas interpretações são impostas pela disciplina da igreja.

Por exemplo, no Concílio de Nicéia, em 325 d.C., a igreja refutou oficialmente e com razão a heresia do arianismo, que negava a doutrina da Trindade. No entanto, no Segundo Concílio de Sirmio em 357 dC, a igreja mudou sua posição e afirmou o arianismo. E vários conselhos locais confirmaram esse movimento nos anos subsequentes. Durante esse tempo, Atanásio, o bispo de Alexandria, foi repetidamente exilado por se opor ao arianismo. Na época, ele era considerado um herege por defender visões da Trindade que agora consideramos ortodoxas.

Em resumo, uma estratégia de autoridade humana pode ter resultados devastadores. Entre outras coisas, pode constituir uma rejeição da autoridade única da Escritura, e pode levar ao endosso de falsas doutrinas. Desta forma, obscurece a verdade da revelação de Deus, de modo que o nosso dever passa a estar oculto de nós.

Agora que analisamos a descrição e as consequências da estratégia da autoridade humana, vamos discutir um corretivo que possa nos ajudar a evitar esse erro.

## Corretivos

O corretivo é bastante simples, e é o seguinte: devemos sempre manter a supremacia das Escrituras como a nossa norma revelada final. A igreja e suas tradições são autoridades menores sobre nós, e elas realmente podem nos ajudar a entender as Escrituras. Mas eles não podem vincular nossas consciências da maneira que a Escritura faz. Como Jesus demonstrou em seus argumentos com os fariseus, nossa obrigação é obedecer as palavras da Escritura de acordo com seu significado original.

A *Confissão de Fé de Westminster*, capítulo 1, seção 10, apresenta um resumo útil dessa ideia. Ouça as suas palavras:

**O juiz supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas devem ser determinadas, e todos os decretos de conselhos, opiniões de escritores antigos, doutrinas de homens e espíritos privados, devem ser examinados e em cuja sentença devemos descansar. não outro senão o Espírito Santo falando na Escritura.**

As Escrituras são as próprias palavras de Deus. E nenhuma tradição ou interpretação humana pode falar com a autoridade inquestionável de Deus. Portanto, devemos nos submeter ao que acreditamos que as Escrituras revelam através de seus fatos, objetivos e meios.

Em termos práticos, isso significa que devemos medir todo julgamento humano à luz das Escrituras. Em vez de ficarmos satisfeitos simplesmente em aceitar julgamentos humanos falíveis — até mesmo os julgamentos da igreja — devemos buscar as Escrituras para ver se as coisas que essas autoridades dizem são verdadeiras. Esta foi a mesma coisa pela qual Lucas elogiou os cristãos na cidade de Beréia em Atos 17:11:

**Os bereanos eram mais nobres do que os tessalonicenses, pois receberam a mensagem com grande interesse, examinando todos os dias as Escrituras, para ver se tudo era assim mesmo (Atos 17:11).**

Como os bereanos, devemos sempre testar os testemunhos e doutrinas humanas pelo padrão das Escrituras. Nenhuma mera criatura — nem mesmo o apóstolo Paulo — é tão autoritária ou precisa em si mesma, que devemos confiar em sua palavra acima da das Escrituras.

As predisposições à negligência, ao rigor e à autoridade humana oferecem respostas fáceis, mas não confiáveis, para questões difíceis. À primeira vista, pode até parecer sábio errar do lado da cautela, ou do lado da liberdade, ou do lado da tradição. Mas, na realidade, errar do lado de qualquer coisa ainda é errar.

Veja, quando enfatizamos excessivamente a negligência, o rigor ou a autoridade humana, ignoramos os fatos, objetivos e meios das Escrituras. E, como resultado, não conhecemos nosso dever e como resultado não nos conformamos ao caráter de Deus. E é por isso que devemos sempre tentar descobrir e nos submeter ao significado original das Escrituras.

Tendo examinado o conteúdo situacional da revelação, a natureza da própria revelação e algumas estratégias populares em relação às dimensões situacionais da

revelação, estamos agora preparados para considerar as questões que surgem no primeiro plano na aplicação da revelação ao mundo moderno. Como os fatos que encontramos no mundo moderno nos ajudam a conhecer nossas obrigações para com Deus? E como o nosso dever é influenciado pelos fatos de nossas próprias situações?

## APLICAÇÃO DA REVELAÇÃO

---

Você deve se lembrar de que nosso modelo para tomar decisões bíblicas é: O julgamento ético envolve a aplicação da Palavra de Deus a uma situação de uma pessoa. Como esse modelo indica, somos sábios em considerar as decisões éticas a partir de três perspectivas: a perspectiva normativa da Palavra de Deus, a perspectiva situacional e a perspectiva existencial. À medida que nos concentramos na perspectiva situacional nesta lição, devemos sempre lembrar que para aplicar a Palavra de Deus corretamente, precisamos saber mais do que o conteúdo e a natureza da Palavra de Deus. Também precisamos saber algo sobre nossa situação moderna, a situação à qual estamos aplicando a Palavra de Deus.

Agora, a Palavra de Deus é tão suficiente que, se a conhecêssemos exaustivamente — se soubéssemos de todas as formas que a revelação especial, geral e existencial refletem seu caráter — saberíamos sempre exatamente o que fazer. Afinal, cada perspectiva sobre ética inclui os demais. Assim, se pudéssemos ver todas as implicações éticas da perspectiva normativa, não obteríamos nenhuma nova visão, considerando as perspectivas situacionais e existenciais.

Mas, na realidade, nosso conhecimento das normas de Deus não é exaustivo. Pelo contrário, a palavra de Deus nos fornece informações limitadas sobre o caráter de Deus. Essa revelação é suficiente para todos os nossos esforços éticos, não porque nos diz precisamente o que fazer em cada instância, mas porque nos fornece informações suficientes sobre o caráter de Deus para descobrir o que fazer em cada instância. E uma parte muito importante de descobrir o que fazer é entender as circunstâncias às quais estamos aplicando a palavra de Deus.

Nossa discussão sobre a aplicação da revelação chamará novamente a atenção para três considerações situacionais: Primeiro, consideraremos a necessidade de compreender os fatos de nossas circunstâncias modernas. Em segundo lugar, nos concentraremos nos objetivos modernos. E terceiro, consideraremos os meios modernos pelos quais Deus nos permite perseguir esses objetivos modernos. E ao longo de cada uma dessas seções, demonstraremos nossos pontos apelando para as leis bíblicas relativas à comida. Vamos começar com os fatos de nossas circunstâncias modernas.

## FATOS

O ponto importante que queremos enfatizar nesta seção é que as mudanças nos fatos exigem mudanças na aplicação da Palavra de Deus. E para provar essa ideia, vamos ver como a própria Escritura faz uso desse princípio. Em particular, exploraremos três

períodos históricos diferentes: os dias do Êxodo sob Moisés; os dias em que a nação de Israel habitava a Terra Prometida; e os dias da igreja do Novo Testamento depois da ascensão de Cristo ao céu.

Agora, é importante encontrar um equilíbrio quando consideramos os fatos desses três períodos. Existem semelhanças e diferenças a serem lembradas. Por um lado, há muitas semelhanças entre os três períodos em relação ao caráter de Deus. O caráter de Deus é imutável — não pode mudar. E assim, em cada um desses períodos da história, o fato da existência de Deus e os atributos particulares do caráter de Deus permaneceram os mesmos. Por outro lado, em cada um desses períodos de tempo a humanidade estava caída e pecadora, precisando desesperadamente de orientação moral de Deus. E com relação específica à comida, encontramos a similaridade de que em cada um desses períodos a comida deveria ser usada para a glória de Deus. E esta situação factual permanece verdadeira em nossos dias também.

Mas, por outro lado, as Escrituras deixam claro que também há diferenças entre os fatos nesses três períodos, de modo que algumas ações que foram contadas como pecaminosas em alguns períodos não são em outros períodos.

Vamos considerar como os fatos relacionados à comida mudaram ao longo da história. Nos dias do Êxodo, o povo de Israel era governado por leis relativamente rígidas, sendo permitido comer apenas animais limpos de maneiras específicas. Como apenas um exemplo, de acordo com Levítico 17:3-4, durante suas viagens à Terra da Promessa, era pecaminoso que os israelitas matassem e comessem certos animais limpos, a menos que fossem apresentados pela primeira vez como uma oferenda ao Senhor no tabernáculo.

Mas quando os israelitas estavam bem estabelecidos e espalhados por toda a Terra Prometida, as Escrituras deixavam claro que eram governados por leis relativamente relaxadas. De fato, o próprio Moisés antecipou essa situação posterior. De acordo com Deuteronômio 12:15, quando os israelitas se instalassem na terra, eles seriam autorizados a matar e comer qualquer animal limpo em suas próprias cidades sem apresentá-lo ao Senhor no lugar de adoração.

E depois da morte e ascensão de Jesus no céu, a igreja foi governada por leis permissivas em relação à dieta. Conforme aprendemos através da visão de Pedro em Atos 10:9-16, Deus declarou que todos os animais são limpos, de modo a não representar uma pedra de tropeço para a inclusão dos gentios na igreja.

E a realidade é que essas semelhanças e diferenças factuais influenciaram os julgamentos éticos. Na medida em que os fatos eram os mesmos, os julgamentos baseados nesses fatos também eram os mesmos. Por exemplo, um julgamento que permaneceu o mesmo foi o julgamento de que Deus é bom. E outro foi o julgamento de que a humanidade é pecadora, e a comida ainda deve ser comida para a glória de Deus. Esses e muitos outros julgamentos éticos permaneceram relativamente inalterados durante esses períodos, porque os fatos sobre os quais eles se basearam permaneceram inalterados.

Mas, na medida em que os fatos eram diferentes em cada período, os julgamentos éticos também eram diferentes. Durante o Êxodo, com relação a certos animais, o julgamento deveria ser “coma apenas animais limpos que foram oferecidos a Deus”. Na Terra Prometida, o julgamento deveria ser “coma apenas animais limpos”. E no período do Na igreja do Novo Testamento, deveria ser “comer qualquer animal”. Em cada

período, o caráter de Deus permaneceu o mesmo, mas as obrigações que seu caráter atribuía ao comportamento variavam de acordo com as mudanças das circunstâncias.

Agora, quando olhamos para essas semelhanças e diferenças, podemos ver que elas são instrutivas para os cristãos modernos. Em termos gerais, os mesmos fatos são fatos comuns a todos os períodos. A existência de Deus e o caráter de Deus não mudaram, e a humanidade ainda está caída e pecadora, e a comida ainda deve ser comida para a glória de Deus. E, como resultado, os julgamentos de que Deus é bom, a humanidade é pecaminosa e glorifica a Deus com alimento ainda precisam ser afirmados.

Mas como devemos julgar a pecaminosidade alimentar à luz das mudanças factuais ocorridas? Bem, existem muitas diferenças entre os nossos fatos e os de Israel nos dias do Êxodo e da vida de Israel na Terra Prometida. Durante o Êxodo, foram aplicadas leis rigorosas que permitiam que se comesse apenas animais limpos que foram oferecidos a Deus. E na Terra Prometida, foram usadas leis relaxadas que permitiam que se comesse apenas animais limpos. Podemos e devemos aprender com essas leis como cristãos hoje, mas elas não estão em vigor da mesma maneira em nossos dias e, portanto, suas aplicações mudaram.

Nesta questão, nossas circunstâncias são paralelas às da igreja primitiva. Assim, a pecaminosidade dietética ainda deve ser calculada de acordo com as leis permissivas. Atos 10:9-16, bem como outras passagens como 1 Coríntios 8-10 e Romanos 14, nos ensinam que o julgamento de comer qualquer animal continua a ser normativo para a igreja. Para demonstrar esse ponto, vamos analisar apenas uma passagem que deixa esse ensinamento claro. Ouça as palavras de Paulo em 1 Timóteo 4:2-5:

**Hipócritas e mentirosos ... proíbem ... o consumo de alimentos que Deus criou para serem recebidos com ação de graças pelos que crêem e conhecem a verdade. Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado, se for recebido com ação de graças, 5 pois é santificado pela palavra de Deus e pela oração (1 Timóteo 4:2-5).**

De um modo ou de outro, todo julgamento ético exige que identifiquemos as semelhanças e diferenças entre os fatos modernos e os fatos bíblicos e que façamos julgamentos éticos de forma apropriada. No entanto, em matéria de comida, as semelhanças situacionais entre a igreja do Novo Testamento e o mundo moderno indicam que devemos seguir, de forma geral, o exemplo estabelecido pela igreja do Novo Testamento.

Agora que vimos como é importante considerar as semelhanças e diferenças entre os fatos da Bíblia e os fatos de nossas próprias vidas, devemos nos voltar para a questão dos objetivos na vida dos cristãos modernos.

## OBJETIVOS

Vamos considerar mais uma vez as leis alimentares dos tempos do Êxodo, a vida de Israel na Terra Prometida e a igreja do Novo Testamento.

Nos dias de Moisés, os propósitos das leis dietéticas incluíam honrar a santidade de Deus e assegurar a santificação de seu povo em seu serviço. O objetivo era a santidade

humana que refletia a santidade de Deus. Por exemplo, em Levítico 11:44-45 o Senhor disse ao seu povo:

**Não se tornem impuros com qualquer animal que se move rente ao chão ... por isso, sejam santos, porque eu sou santo (Levítico 11:44-45).**

E essas metas bastante gerais continuaram em vigor durante os períodos do Êxodo, a vida de Israel na Terra Prometida e a igreja, embora as leis dietéticas tenham sido modificadas nesses períodos posteriores. Por exemplo, em Isaías 62:12, o profeta encorajou as pessoas na Terra Prometida a lutarem pela santidade, para que pudessem vir a ser chamadas:

**Eles serão chamados povo santo, redimidos do Senhor (Isaías 62:12).**

E em 1 Pedro 1:15-16, o apóstolo escreveu estas palavras para a igreja:

**Mas, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem, 16 pois está escrito: “Sejam santos, porque eu sou santo” (1 Pedro 1:15-16).**

De fato, quando Pedro instruiu os cristãos a serem santos, ele citou a lei dietética que acabamos de ler em Levítico 11:44-45.

Mas, apesar dessas semelhanças, cada período também tinha metas particulares de santidade que diferiam das metas de outros períodos. Durante o Êxodo, um dos objetivos era separar os judeus dos gentios. E o mesmo objetivo foi mantido enquanto Israel vivia na Terra Prometida.

Mas na igreja do Novo Testamento, as circunstâncias mudaram quando Deus converteu muitos gentios. Nesse ponto, o objetivo não era mais separar os judeus dos gentios, mas unir os judeus aos gentios na igreja.

E necessariamente, a correspondência entre os objetivos da glória de Deus e nossa santidade nesses períodos resultou em correspondência entre os julgamentos éticos em todos os três períodos. Com respeito a julgamentos similares, o objetivo da santidade humana que refletia a santidade de Deus foi afirmado em todos os períodos. E, como resultado, os julgamentos éticos de que Deus é santo e que a humanidade deve se esforçar para ser santa também foram corretamente afirmados.

Ao mesmo tempo, cada período também continha julgamentos éticos diferentes dos julgamentos em outros períodos. Nos dias do Êxodo, o objetivo dos judeus de se separarem dos gentios levou ao julgamento de recusar convites para comer comida gentia. E esse julgamento teria ecoado durante o tempo de Israel na Terra Prometida. Mas o julgamento apropriado para a igreja do Novo Testamento foi aceitar convites para comer comida gentia. Afinal de contas, era precisamente isso que Deus ordenara que Pedro fizesse em Atos 10. Em cada período, o caráter de Deus permaneceu o mesmo. Mas os objetivos implícitos por seu caráter eram um pouco diferentes.

Agora, quando olhamos para essas semelhanças e diferenças, podemos ver que elas são instrutivas para os cristãos modernos. No que diz respeito às semelhanças,

devemos ainda afirmar os objetivos da glória de Deus e da nossa santidade. E isso ainda deve nos levar aos julgamentos de que Deus é santo e que a humanidade deve se esforçar para ser santa. Desta forma, os objetivos e julgamentos no mundo moderno refletem os do mundo antigo.

Mas devemos também considerar as diferenças entre objetivos e julgamentos modernos, por um lado, e objetivos e julgamentos nas Escrituras, por outro lado. Durante o Êxodo, o objetivo era separar os judeus dos gentios, e isso levou ao julgamento de recusar convites para comer alimentos gentios. E durante o tempo de Israel na Terra Prometida, o mesmo objetivo e julgamento foram aplicados. Mas no dia da igreja do Novo Testamento, o objetivo era unir os judeus com os gentios, levando ao julgamento para aceitar convites para comer comida gentia.

A igreja moderna ainda é composta de crentes judeus e gentios, então os objetivos de nossa situação são diferentes daqueles nos períodos do Êxodo e da Terra Prometida. Consequentemente, não devemos fazer os mesmos julgamentos que eles fizeram. Mas nossos objetivos são semelhantes aos da igreja do Novo Testamento. E como resultado, nosso julgamento deve ser o mesmo que o deles, para que também aceitemos convites para comer comida gentia.

Novamente, todo julgamento ético exige que consideremos as metas modernas à luz dos objetivos bíblicos e nos concentremos nas semelhanças e diferenças entre eles. Onde houver diferenças significativas, devemos hesitar em adotar os mesmos julgamentos. Mas onde há semelhança significativa, devemos aceitar os julgamentos éticos.

Em alguns casos, como a questão da comida, nossos julgamentos serão diferentes daqueles feitos no Antigo Testamento, mas muito semelhantes aos feitos pela igreja do Novo Testamento. Mas em outras questões éticas, podemos determinar que mesmo os julgamentos feitos pela igreja do Novo Testamento são inadequados para o nosso ambiente moderno.

Tendo olhado para a importância da correspondência em relação a fatos e objetivos, devemos nos voltar para o nosso tópico final: a correspondência entre os meios aprovados nas Escrituras e os meios disponíveis para nós no mundo moderno.

## MEIOS

Vamos nos voltar uma última vez para as leis dietéticas dos períodos do Êxodo sob Moisés, da vida de Israel na Terra Prometida e da igreja do Novo Testamento para ilustrar a importância de considerar semelhanças e diferenças de meios.

Por um lado, a semelhança entre os meios nos dias do Êxodo, a vida na Terra Prometida e a igreja do Novo Testamento é bastante básica. Simplificando, as pessoas deveriam usar a dieta para alcançar a santidade nos três períodos.

As diferenças, no entanto, são mais extensas. Por exemplo, durante o Êxodo, os meios de lutar pela santidade através da dieta incluíam a necessidade de sacrificar animais no tabernáculo antes de comê-los. Este meio de regulação funcionou bem durante o tempo em que os israelitas vagaram no deserto. Durante aqueles dias, toda a nação vivia ao redor do tabernáculo. Além disso, Êxodo 16:35 indica que sua dieta consistia principalmente de maná, não de carne de animais domésticos.

Mas na Terra Prometida, muitos moravam longe do tabernáculo e longe do templo que Salomão mais tarde construiu em Jerusalém. Além disso, Deus deixou de fornecer maná, e as pessoas estavam comendo mais animais domésticos. Assim, em Deuteronômio 12:15, Deus adaptou suas exigências para se adequar às novas circunstâncias da vida de seu povo. Especificamente, ele permitiu que as pessoas abatessem animais em suas próprias cidades. Ele ainda exigia santidade, mas deu ao povo um novo meio para cumprir este requisito.

Como vimos, os requisitos mudaram novamente nos dias da igreja do Novo Testamento. Como o reino de Deus se espalhou para lugares, povos e culturas além de Israel, houve um grande influxo de gentios na igreja. Como resultado, a santidade não mais exigia que os descendentes de judeus permanecessem separados daqueles descendentes de gentios. Antes, como Pedro aprendeu em Atos 10:9-16, a santidade agora exigia que eles se unissem em relação às suas dietas, a fim de que todos os cristãos pudessem ter comunhão uns com os outros. Apropriadamente, Deus usou uma mudança em uma dieta irrestrita para criar unidade entre judeus e gentios na igreja.

E assim como vimos com fatos e objetivos, a correspondência entre os meios ao longo desses períodos de tempo foi manifestada em julgamentos éticos. Na medida em que os meios eram semelhantes, um julgamento válido poderia ter sido que o alimento deveria ser usado de maneira a honrar a santidade de Deus e santificar seu povo a seu serviço.

Mas, na medida em que os meios eram diferentes, deveriam ter sido proferidos julgamentos diferentes em relação a outros aspectos da dieta. Durante o Êxodo, o meio era sacrificar animais no tabernáculo. E isso deve ter levado ao julgamento de que os animais devem ser sacrificados no tabernáculo antes de comê-los. Na Terra Prometida, o meio era abater animais nas cidades, e isso deveria ter levado ao julgamento para abater animais limpos. E na igreja do Novo Testamento, os meios de uma dieta irrestrita deveriam ter produzido a declaração “coma o que os gentios comem” como um julgamento ético apropriado.

E os cristãos modernos têm muito a aprender com essas semelhanças e diferenças. Por causa das similaridades que o mundo moderno tem com os períodos do Êxodo, a vida de Israel na Terra Prometida e a igreja do Novo Testamento, devemos ecoar a determinação de usar a dieta para alcançar a santidade. E esse meio deve nos levar a afirmar o juízo ético de que o alimento deve ser usado de maneiras que honrem a santidade de Deus e construam a santidade em seu povo, mesmo no mundo moderno.

Também podemos aprender com as diferenças entre os meios usados nesses períodos da história. Nós não vivemos perto do tabernáculo como o povo de Deus fez durante o Êxodo, quando o meio era sacrificar animais no tabernáculo e o julgamento era que os animais deveriam ser sacrificados no tabernáculo. E nós não vivemos em uma nação inteiramente judaica que deve permanecer distinta dos gentios como era o caso na Terra Prometida quando os meios eram abater animais nas cidades e o julgamento era abater animais limpos antes de comê-los. Portanto, não devemos usar os meios que o povo de Deus empregou nesses períodos ou fazer julgamentos com base nesses meios.

Mas considere a igreja do Novo Testamento. Eles usaram os meios de uma dieta irrestrita e fizeram o julgamento para comer o que os gentios comem, a fim de buscar a unidade dentro da igreja. E porque a nossa situação é essencialmente a mesma que a deles, devemos usar os mesmos meios e dar o mesmo julgamento.

Assim como acontece com fatos e metas, haverá alguns casos em que a situação da igreja do Novo Testamento difere da nossa, de modo que nem sempre podemos usar os mesmos meios e dar os mesmos julgamentos que a igreja do Novo Testamento fez.

Toda norma revelada a nós deve ser aplicada com diligência e sabedoria e não com simples imitação do comportamento nas Escrituras. E podemos determinar quais meios são apropriados para usar no mundo moderno, observando a correspondência entre as situações descritas na Bíblia e as situações de nossas próprias vidas.

---

## CONCLUSÃO

---

Nesta lição, investigamos quatro tópicos que nos ajudam a entender a relação entre revelação e situação à medida que procuramos conhecer nosso dever diante de Deus. Temos explorado o conteúdo da revelação no que se refere a situações, a natureza situacional da própria revelação, várias estratégias interpretativas populares para a revelação e a aplicação da revelação às nossas situações modernas. E vimos que, para tomar decisões bíblicas, devemos considerar as maneiras pelas quais cada um desses fatores situacionais contribui para o conhecimento de nosso dever.

Como crentes que querem tomar decisões éticas, é muito importante que compreendamos nossa situação ética. E, como vimos, é útil pensar em nossa situação em termos de fatos, metas e meios. Ao prestar atenção a essas preocupações, podemos entender melhor a revelação de Deus. E quando o fizermos, estaremos melhor preparados para fazer julgamentos que estejam em conformidade com o modelo bíblico para tomar decisões éticas.